

a sua câmara, conversando com os operários, explorando-lhes as ideias, filmando-lhes os corpos em mais de 60 horas de vídeo. Constatou o óbvio. “É uma realidade muito dura”, disse ao P2, em conversa na LX Factory, dias antes do encerramento da exposição. E ficou preocupado com o pessimismo e a desconfiança generalizada daqueles trabalhadores perante as instituições, a sociedade e o futuro. Carlos Gomes, que ao longo da obra conheceu trabalhadores novos, mas também reencontrou pessoas e nomes que faziam parte da sua infância (a obra foi levada a cabo pela empresa do seu pai e irmão, além de outros subempreiteiros), confirmou outro facto: eles, especialmente os mais velhos, são dados “a depressões, andam sempre em tensão, aquilo é a vida deles”. “Não sabem o que são tempos livres, não os querem, querem é trabalhar.”

E depois há o corpo. Ruy Otero insistiu, no filme - que ainda está em montagem e fará o circuito de festivais, além de estar informalmente prevista a exibição na RTP2, para depois ser editada em DVD -, “dar mais importância à forma, à maneira como interagem”. É parte da sua bagagem de realização de documentários e filmes sobre artes plásticas e teatro, que levou também para o *Gente da Casa*. Não tão pesada quanto a que aqueles homens “das obras” carregam. “Há uma espécie de desconforto no corpo deles no próprio trabalho, para o qual não estão preparados. Sente-se que há uma espécie de doença do corpo”, descreve Carlos Gomes, entre as fotografias de Luísa Ferreira que compõem a exposição que dentro de um mês chega a Palmela.

Se o pressuposto de *Gente da Casa* era contar a história destas gentes (na obra trabalharam cerca de cem pessoas), de destino possível mas não necessariamente desejado, Ruy e Carlos debatem-se com as representações que eles fizeram de si ao longo da filmagem e da



O arquitecto (à esquerda) e o realizador



construção. “Alguns dizem que gostam do que fazem”, comenta, hesitante, Ruy Otero, realizador que diz que a sua escola de vida, para além da Alfama natal, foi o cinema Royal, na Graça, também em Lisboa. “Há uma parte deste trabalho que é construir alguma coisa e que, quando é bem feita, traz, naturalmente, orgulho”, atalha Carlos Gomes. “Não falam é disso porque... quem é que os quer ouvir?”

#### A empresa como família

Mas depois de 14 meses em torno da casa, depois de 7000 fotografias, depois de muitas entrevistas para saber o que faz mexer quem constrói, depois de terem mobilizado gente da sonoplastia ao vídeo, de Paulo Furtado ter feito a banda sonora do filme e de Lidija Kolovrat ter vestido alguns dos trabalhadores para a festa

de Julho de 2008, *Gente da Casa* mudou. É também outra coisa: um documento das relações laborais num sector que viveu franca expansão há cerca de 20 anos, mas que está a mudar.

Antes, “havia um sentimento de pertença à empresa, familiar, e isso está hoje completamente diluído. *Gente da Casa* é um nome que já pressupõe esta visão crítica da organização do trabalho. O meu pai tinha uma PME [pequena e média empresa] de construção e tinha pessoal próprio, mas isso agora é menos comum”, porque “antes um edifício ainda estava só em estrutura e já estava todo vendido”, algo que mantinha empregos. “Quando isso acabou, passaram a subcontratar só para o trabalho que iam tendo”, recorda o arquitecto. Portanto, “*Gente da Casa* como uma espécie de memória, irónica”.

É que o projecto multidisciplinar tem como matéria-prima materiais de transição. “Nos países anglo-saxónicos, por exemplo, já ninguém constrói com tijolo e massa, são usados materiais muito mais acabados, processados. Isto tem a ver com uma tradição construtiva do Sul. Se formos andando para sul em direcção a África, parece que estamos a recuar no tempo: o que ainda se faz agora em Marrocos era se calhar a nossa construção há 200 anos - o uso da cal, da alvenaria, o adobe... E tem muito a ver com a mão-de-obra que, como não é especializada, determina a forma como se fazem as grandes ou pequenas obras”, narra Carlos Gomes.

#### Perguntas de arquitecto

*Gente da Casa* nasceu de reflexões e questões de arquitecto. Para Carlos Gomes, que descreve arquitectura como “uma questão de resistência” - “já a larguei várias vezes e voltei sempre” -, a fase mais interessante de um projecto de arquitectura é “a transformação na construção”. “Ao entrar no espaço acabado, há o efémero prazer de ver um espaço que desenhámos, que antes não era nada”, descreve. Contudo, “o verdadeiro gozo é ter assistido à transformação e essa é a grande fátia de tempo que normalmente não passa para fora”. Centra agora nesta fase, na documentação de algo que emerge num terreno da margem sul do Tejo, a principal finalidade de *Gente da Casa*. Porque acha, aliás, que a questão de dar visibilidade aos trabalhadores nem

interessa realmente aos visados. “Têm outras prioridades.”

Durante o ano de construção, “eles eram os habitantes daquele lugar”. Daquele Plateau, nome de baptismo do filme que Ruy Otero ainda está a editar. Ali cruzaram-se “conhecimentos, energias, pessoas”, mas sem pretensões realistas. “O plateau é algo entre o lugar e o não-lugar. No plateau, as pessoas representam e não acredito que as pessoas tenham sido elas próprias [no filme]”, confessa o realizador, justificando com o ambiente de trabalho e mesmo com a presença da câmara a noção de que não há realidades a cem por cento. “Lembram-se do Big Brother? Passadas umas semanas, andava meio país a dizer que gostava do Zé Maria porque ele ‘era ele próprio!’”, ri-se Otero, semi-incrédulo.

“[Seis meses passados sobre a festa que encerrou a obra], a sensação que eu tenho é que o projecto está a meio”, diz Carlos Gomes. A casa, desenhada por si e pela colega de atelier Ana Paula Mendes, continua lá e, segundo avaliações bancárias, vale 400 mil euros. “É quase como a minha casa ideal”, por não ter um cliente prévio e ter sido desenhada livremente.

O seu destino final será uma clássica e comercial venda. “Para mim, o máximo seria a casa ser vendida através do projecto a alguém que possa ver uma ideia na ligação da casa com o filme, com o facto de ter gerado vários objectos artísticos. Comprar uma ideia, uma utopia, uma obra de arte. Não só comprar uma casa, mas o conjunto: filme, DVD, sonoplastia, exposição de fotografia, que contam a história daquela obra. E vou tentá-lo.”

“O máximo seria a casa ser vendida através do projecto, a alguém que possa ver uma ideia na ligação da casa com o filme, com o facto de ter gerado vários objectos artísticos”



MANDRAKE® apresenta

# Simone & Zélia Duncan

Amigo é casa  
Ao vivo

Lisboa  
6 de Março  
Campo Pequeno

Porto  
3 de Março  
Coliseu

Fig. da Foz  
2 de Março  
Cae

INFLAMES PLACE  
Bilhetes à venda: Nas lojas de espectáculo, ASEP, Alameda, FNAC, Lusa, Virginie, Alamo, Worten, Bino, Bulbova, El Corte Inglés, Bertrand, Media Markt | Reservar: 702 224 224 | www.ticketline.pt | 214 346 304 www.globo.pt  
Informações: 910 702 700 | www.mandrake.pt | www.mandrakept.blogspot.com